



# Templo do Vale do Sol e da Lua

Rua Ubiratan, lotes 8 e 28 - Qd 62 - Loteamento Itaocai Valley - Itaipuaçu - RJ

[www.templodovaledosoledalua.org.br](http://www.templodovaledosoledalua.org.br)



## OSSAYIN

Orixá das florestas e Senhora das folhas e de suas propriedades curativas, Ossayin é a grande força que possibilita a cura de todos os males humanos. Grande mistério envolve o seu entendimento e seu culto e seu nome deve ser louvado sempre que utilizamos a força das matas em nosso benefício.

Alcançamos um grau tão industrializado em nossas vidas que muitas vezes não percebemos os conteúdos de nossos potes, latas ou vidros. Podemos nos confundir e achar que os remédios que tomamos são combinações sintéticas e totalmente independentes da Natureza, mas se buscarmos a correta compreensão do mundo que nos cerca, perceberemos que praticamente tudo que comemos, usamos em nossa higiene pessoal ou usamos como medicamentos, são produtos derivados de ervas ou plantas. Desde o xampu até os comprimidos contra dores, raros são aqueles que não contém componentes ativos de ervas.

Hoje, já se inicia um processo maior de conscientização e de consumo responsável que nos leva ao questionamento e entendimento daquilo que utilizamos em nossas vidas. Quantas empresas não exploram a Amazônia em busca de fontes para a cura de problemas que desafiam a medicina ocidental. Talvez sem perceber, todos mantemos forte ligação com o Orixá Ossayin. Sobre essa importância, Verger comenta: “Ossayin é a divindade das plantas medicinais e litúrgicas. A sua importância é fundamental, pois nenhuma cerimônia pode ser feita sem a sua presença, sendo ele o detentor do ãse (o poder), imprescindível até mesmo aos próprios deuses.”<sup>1</sup>

Cada Orixá tem suas ervas correspondentes, mas a energia que move os princípios ativos dessas mesmas ervas é Ossayin. Ela deve ser louvada na colheita dessas ervas e no momento de sua utilização. E cabe ao sacerdote encarregado de seu culto, chamado Babalossayin, conhecer cada folha utilizada ritualisticamente, sua função e a forma de encantá-las, ou seja, a forma de ativar o seu axé. As folhas representariam toda nossa força ancestral e, por isso também, são dignas de todo respeito.

A alegoria da árvore genealógica aqui se aplica muito bem. As ramificações mais individualizadas seriam as folhas que se juntariam em galhos e, posteriormente, ao tronco. O tronco representaria nosso ancestral comum menos individualizado e, por isso, mais próximo à divindade. O caminho desde o tronco até as folhas seria o próprio processo que os seres passam através das vidas e dos ciclos cósmicos. Não é a toa que a árvore recebe tão rica alegoria simbólica em todas as tradições religiosas e é alvo de culto tão profundo em nossa Umbanda.

No culto primordial dos Orixás, a figura do Pai-de-Santo atual era exercida por três pessoas diferentes, cada uma encarregada de uma parte específica do culto. Uma, a responsável pelo culto propriamente dito, com os transe e a ritualística e o conhecimento de como lidar com as energias de cada Orixá, era chamado Babalorixá (Pai que conhece os Orixás). Outra, encarregado do conhecimento dos caminhos dos seres humanos, responsável por conhecer a Vontade Divina por meio das artes divinatórias, era chamado Babalaô (Pai que conhece o segredo).

A última, responsável pelo conhecimento das ervas e seus encantamentos, era chamado Babalossayin (Pai que conhece o culto à Ossayin). Suas funções não eram confundidas e a formação de cada um era tão extensa que a mesma pessoa não poderia conhecer todos os três caminhos

completamente. Com o passar dos tempos e conseqüente dinamização da sociedade, ficou praticamente impossível para uma pessoa dedicar-se inteiramente ao culto como era exigido em tempos idos. Mais ainda em nossa Umbanda, religião que não concebe, ainda, monastérios próprios onde o sacerdote possa se dedicar integralmente à religião, não seria possível para um médium inserir em sua vida comum os ensinamentos na forma que eram passados anteriormente.

Assim, as três figuras sacerdotais, assim como seu processo de formação, foram modificados gradualmente. A figura do Babalorixá acabou por absorver o papel do Babalossayin e do Babalaô e todos passaram a ter uma formação menos rigorosa, mas que ainda se mantivesse em acordo com o culto às forças da Natureza e suas diversas manifestações.

O papel das ervas no culto aos Orixás revela sua importância de forma clara no dito “ko si ewè, ko si orisá” que poderia ser traduzido como “sem folha não há Orixá”. Isso demonstra a importância fundamental do conhecimento das ervas e de seus segredos no processo de feitura de qualquer Orixá. A realização dos banhos de ervas, os alimentos e até as camas dos iniciados não existiriam sem a força de Ossayin.

Alguns não compreendem devidamente este Orixá não dando a importância devida ao trato das ervas principalmente num contexto ritualístico. Preparam os banhos de qualquer jeito, maceram as ervas como se manipulassem pedaços de papel sem importância e, até mesmo, desenvolvem asco pelos contatos com as folhas sagradas. A estes, observamos com carinho e pesar, pois não sabem com o que estão lidando. É dos Orixás mais delicados a Senhora Ossayin. Enquanto tememos a morte e as transformações, enquanto alguns fogem de Omolu e temem Nanã, tratamos as florestas e as ervas com descaso ou neutralidade.

Não sejamos tolos de não perceber que com o poder maior de cura, Ossayin carrega também o poder maior de destruição. Sua energia mal manipulada pode gerar desequilíbrios vários e se devemos respeitar e temer alguma força, que seja a de Ossayin.

Que nenhum umbandista entre em qualquer mata sem o devido respeito à esta Senhora. Que não colha folha alguma sem pedir sua licença e não as utilize sem os devidos cuidados. A força das ervas cura da mesma forma que mata e sua manipulação só deve ser realizada com o devido entendimento e respeito. Ossayin tem como auxiliar a figura mitológica chamada Aroni. Alguns apontam Aroni como um gnomo de uma perna só que está sempre a pitar seu cachimbo.

Alguns misturam mesmo a figura de Ossayin e de Aroni afirmando serem os dois um só. Aroni seria o símbolo da ligação deste Orixá com o elemento terra já claramente demonstrado nas cores de Ossayin, o verde (variação do preto, cor do telúrico) e o rosa (cor mal compreendida que, na verdade, tem grande relação com a polaridade masculina). Foi absorvido pela cultura popular na figura do saci-pererê, figura traquinas de uma perna só, sempre com seu cachimbo e seu chapéu armando suas travessuras.

O vermelho do saci demonstra claramente seu papel de intermediador, semelhante ao vermelho de Exu em sua função de mensageiro. É através de Aroni que Ossayin atua e por isso nunca falta na oferenda dirigida à esse Orixá algum elemento destinado à Aroni.

Os dois funcionam em pleno equilíbrio e, por isso, Aroni seria a polaridade masculina e Ossayin a feminina. Inúmeras Casas identificam Ossayin com a polaridade masculina e poderiam dizer nessas Casas que “Ossayin é homem”, ou seja, um Orixá masculino. O mais importante aqui não é se este grande Orixá é visto como feminino ou masculino, mas entender que ele se expressa nas duas

polaridades com intensidade maior ou menor dependendo do momento. Em nosso Templo, no entanto, cultuamos Ossayin enquanto Orixá feminino.

Seu papel como Senhora das folhas acaba legando a Ossayin, entre outras funções, o papel de Orixá da medicina. Assim, tem seu sincretismo feito com inúmeras expressões religiosas do poder de cura como o Buda tibetano da medicina, chamado Sangye Menla, e o Deus hindu da Ayurveda, a ciência médica tradicional do hinduísmo a qual se reputa profundo conhecimento científico e práticas cirúrgicas datadas de antes de 5.000 a.C., muito anterior, portanto, à nossa medicina ocidental.

Os filhos deste Orixá não são muito comuns e também aqui observamos algumas Casas que não os permitem em grande número. Isso se deve, assim como nos casos de Nanã e de Oxumarê, à grande sutileza dessas forças e do enorme cuidado que se deve ter ao consagrar um filho para estes Orixás.

Como nossa Umbanda forma sacerdotes que não vivem em reclusão, algumas forças devem ser tratadas com cuidado uma vez não serem simples de lidar no ambiente moderno de nossas vidas corridas e atarefadas.

Verger defende que “o arquétipo de Ossayin é o das pessoas de caráter equilibrado, capazes de controlar seus sentimentos e emoções. daquelas que não deixam suas simpatias e antipatias intervirem nas suas decisões ou influenciarem as suas opiniões sobre pessoas e acontecimentos.

É o arquétipo dos indivíduos cuja extraordinária reserva de energia criadora e resistência passiva ajuda-os a atingir os objetivos que fixaram. Daqueles que não tem uma concepção estreita e um sentido convencional da moral e da justiça. Enfim, daquelas pessoas cujos julgamentos sobre os homens e as coisas são menos fundados sobre as noções de bem e de mal do que sobre as de eficiência.”<sup>2</sup>

Beniste relaciona a dificuldade vivida pelo arquétipo apresentado pelos filhos deste Orixá: “Frágeis, saúde delicada, responsáveis, volúveis sem ambições – são dados a estudos e reflexões – sonhadores – esquisitos e desligados – preservam a liberdade – propensão à homossexualidade – dotados de muita energia – prestativos – carentes – desinteressados – ligados à família, mas gostam de viver de forma independente.”<sup>3</sup>

No corpo humano, Ossayin compartilha com Oxossi o domínio sobre os membros do corpo (braços e pernas) e também sobre o inconsciente.

Ossayin é filha de Nanã, irmã de Omolu, Oxumarê e Ewá. É a Senhora da ciência e das ervas. Conhece o segredo da cura e os mistérios da vida. Faz preparos mágicos, chás, abôs e beberagens que curavam todos os tipos de doença e males espirituais e físicos. Conhece todos os mistérios da magia e da cura pelas ervas. Domina todos os rituais, pois sem folha não tem nada.

Seus filhos são cordiais e pacíficos, porém sérios e rígidos. São orgulhosos e turrões e detestam pedir ajuda aos outros. Têm fortes sentimentos, são generosos e dotados de sorte. São positivistas e solidários. São manipuladores, feiticeiros e extrovertidos, aceitando a troca com o coletivo. Conhecem tudo do seu próprio habitat e detestam a dependência do que quer que seja. Dão muito valor à sua reputação. Sabem envolver as pessoas com seu jeito ingênuo, habilidoso e jovial. São bastante piedosos.

[1] VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás*. 6. ed. Salvador: Corrupio, 2002. p. 122ss.

[2] VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás*. 6. ed. Salvador: Corrupio, 2002. p. 124.

[3] BENISTE, José. *Orun – Àiyé*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p.264.